Revista Diversidade e Educação

# *A EDUCAÇÃO SEXUAL EM ARTIGOS DA REVISTA DE ENSINO DE BIOLOGIA*

# *EDUCACIÓN SEXUAL EN ARTÍCULOS DE LA REVISTA DE EDUCACIÓN EN BIOLOGÍA*

# *SEX EDUCATION IN ARTICLES FROM THE JOURNAL OF BIOLOGY EDUCATION*

*Raquel Baumgarten Ribeiro*[1]

*Rubia Emmel*[2]

*Alexandre José Krul*[3]

**RESUMO**

Este estudo teve como objetivo analisar pesquisas sobre educação sexual em artigos publicados na Revista de ensino de biologia da SBEnBio. A pesquisa, de abordagem qualitativa e do tipo documental, foi desenvolvida a partir da busca de artigos sobre a temática da educação sexual na Revista de ensino de biologia, totalizando 20 pesquisas publicadas entre os anos de 2018 e 2024. Por meio da análise temática de conteúdo, emergiram as seguintes categorias: social, com 12 unidades de contexto e frequência total de 31; psicológico, com 2 unidades de contexto e frequência total de 15; biopsicossocial, com 4 unidades de contexto e frequência total de 13; biológico, com 6 unidades de contexto e frequência total de 11; e enfoque do tema em diferentes contextos escolares, com 3 unidades de contexto e frequência total de 5. Os resultados evidenciaram indícios de ampliação da temática educação sexual para além de uma visão biologizada,

[1] Licencianda em Ciências Biológicas no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), Campus Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil.

[2] Doutora em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, da área da Pedagogia, no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), Campus Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências (PPGEC), Mestrado, Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo. Rio Grande do Sul, Brasil.

[3] Doutor em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, das áreas de Filosofia e Sociologia, no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), Campus Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências (PPGEC), Mestrado, Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo. Rio Grande do Sul, Brasil.

contemplando também abordagens que consideram dimensões mais amplas e integradas do desenvolvimento humano. O estudo reforça a importância da inserção dessas temáticas na formação inicial de professores e destaca a relevância de prosseguir investigando a educação sexual em diferentes produções de pesquisas brasileiras.
**PALAVRAS-CHAVE:** Educação sexual. Sexualidade. Ensino de biologia. Ensino de ciências.

**RESUMEN**

Este estudio tuvo como objetivo analizar la investigación sobre Educación Sexual en artículos publicados en la Revista de Educación en Biología de SBEnBio. La investigación cualitativa, documental, se desarrolló a partir de la búsqueda de artículos sobre el tema de Educación Sexual en la Revista de Educación en Biología, que expresó una cantidad de 20 investigaciones, entre los años 2018 a 2024. A través del Análisis de Contenido Temático, emergieron las siguientes categorías: - Social: con 12 Unidades de Contexto y frecuencia total de 31; - Psicológico: con 2 Unidades de Contexto y frecuencia total de 15; - Biopsicosocial: con 4 Unidades de Contexto y frecuencia total de 13; - Biológico: con 6 Unidades de Contexto y frecuencia total de 11; - Enfoque en el tema en diferentes contextos escolares: con 3 Unidades de Contexto y una frecuencia total de 5. Los resultados de esta investigación destacaron señales de expansión del tema de la educación sexual, más allá de la perspectiva biológica, pero también con enfoques que abarcan dimensiones más amplias e integradas del desarrollo humano. El estudio refuerza la importancia de incluir estos temas en la formación inicial de profesores y destaca también la importancia de continuar investigando el tema de la educación sexual, comprendiéndolo en diversas publicaciones de investigación brasileñas.
**PALABRAS-CLAVE:** Enfoque cualitativo. Revista de Enseñanza de la Biología. Educación Sexual.

**ABSTRACT**

This study aimed to analyze research on sex education in articles published in the *Journal of Biology Teaching* of SBEnBio. The research, with a qualitative and documentary approach, was developed through a search for articles on the theme of sex education in the *Journal of Biology Teaching*, totaling 20 studies published between 2018 and 2024. Through thematic content analysis, the following categories emerged: social, with 12 context units and a total frequency of 31; psychological, with 2 context units and a total frequency of 15; biopsychosocial, with 4 context units and a total frequency of 13; biological, with 6 context units and a total frequency of 11; and focus on the theme in different school contexts, with 3 context units and a total frequency of 5. The results indicated signs of expansion of the theme of sex education beyond a biologized perspective, also including approaches that consider broader and more integrated dimensions of human development. The study reinforces the importance of including these themes in initial teacher education and highlights the relevance of continuing to investigate sex education in different Brazilian research productions.
**KEYWORDS:** Sex education. Sexuality. Biology teaching. Science education.

* * *

## Introdução

Em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, as discussões relacionadas à educação sexual, que envolvem sexualidade, identidade e relações sociais, assumem papel relevante na vida dos indivíduos (Oliveira; Paula; Coelho, 2024). Nos últimos anos, esse tema tem ganhado destaque nas pesquisas acadêmicas, sendo investigado em diferentes áreas do conhecimento, como educação, saúde, direitos humanos e políticas públicas (Vieira; Emmel, 2024). Essas investigações também têm sido desenvolvidas no âmbito de programas de pós-graduação, em níveis de mestrado e doutorado (Strochain; Emmel, 2021).

A sexualidade humana envolve dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Essas dimensões se manifestam de forma singular em cada indivíduo, ao mesmo tempo em que são influenciadas por padrões sociais construídos ao longo dos processos de socialização (Oliveira; Muzzeti, 2020). As atitudes, valores e comportamentos relacionados à sexualidade acompanham os sujeitos desde o nascimento e constituem elementos centrais para compreender o que se entende por educação sexual (Maia; Ribeiro, 2011).

Ressalta-se o papel fundamental da escola na educação sexual, para que crianças e jovens tenham esclarecimento sobre os direitos humanos e sua importância para a abordagem de diferentes temas, inclusive para a prevenção da violência sexual (Strochain; Emmel, 2021). Para Obando (2021), o ambiente escolar não se limita a um espaço de transmissão de conhecimentos referentes a disciplinas, mas, é um ambiente voltado para a promoção do desenvolvimento das pessoas por meio da compreensão de valores, crenças e ideais que possam contribuir com a construção de uma cultura de paz.

Dados do Ministério da Saúde reforçam a relevância do debate sobre educação sexual no cenário brasileiro. Entre 2015 e 2021, foram registrados 202.948 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no país, sendo 2021 o ano com maior número de notificações, totalizando 35.196 registros (Brasil, 2023). Esses dados indicam a necessidade de ampliar discussões sobre educação sexual e garantir o acesso a informações relacionadas ao corpo, à sexualidade e às relações afetivas.

No âmbito escolar, o ensino de ciências e de biologia tem ocupado posição de destaque na abordagem de temas relacionados ao corpo humano e à sexualidade. Isso ocorre porque essas disciplinas tratam tradicionalmente de conteúdos ligados à anatomia, à fisiologia e aos processos biológicos (Santos; Oliveira, 2020). Entretanto, limitar o

debate sobre sexualidade apenas a esses aspectos pode reduzir a compreensão da complexidade que envolve essa temática. Além das dimensões corporais, é necessário considerar fatores sociais, culturais e emocionais que também influenciam as formas de compreender o corpo e a sexualidade.

Trivelato (2005) questiona se o ensino de biologia está estruturado para possibilitar uma compreensão integrada do corpo humano e para orientar decisões responsáveis relacionadas a questões individuais, sociais e ambientais. A autora argumenta que o conhecimento sobre o corpo não deve se limitar à divisão em partes anatômicas e sistemas fisiológicos. Essa fragmentação também aparece no ensino da sexualidade, frequentemente reduzido a aspectos biológicos. Como consequência, dimensões sociais e emocionais acabam sendo pouco discutidas, apesar de serem fundamentais para a compreensão do tema.

Costa e Souza (2016), afirmam que perspectivas acerca das questões de gênero e de sexualidade no ensino de ciências são necessárias e permitem refletir além da visão biológica, mas também a importância de discutir em sua transversalidade, sua construção histórica e social, contribuindo para o respeito acerca das diferenças, combate à discriminação, preconceitos e violências dentro e fora da escola.

Considerando a temática da educação sexual no contexto escolar e no ensino de biologia, destaca-se como problema a necessidade de ampliar as investigações sobre como esse tema tem sido abordado na produção científica da área. Frente a essa problemática, torna-se pertinente formular as seguintes questões: quais relações podem ser estabelecidas entre a educação sexual e o ensino de biologia? De que maneira as pesquisas no campo do ensino de biologia têm abordado a temática da educação sexual? A partir dessas questões, define-se como objetivo deste estudo analisar pesquisas sobre educação sexual em artigos publicados na Revista de ensino de biologia da SBEnBio.

## Procedimentos Metodológicos

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza documental, voltada à análise de produções científicas sobre educação sexual publicadas na área de ensino de biologia. Pesquisas documentais utilizam materiais já produzidos e disponibilizados em diferentes fontes, permitindo examinar registros acadêmicos e identificar tendências presentes na produção científica de determinado campo de conhecimento. Esse tipo de abordagem possibilita investigar fenômenos

educacionais a partir da análise de documentos, textos e registros produzidos em contextos institucionais e científicos.

A base de dados utilizada foi a Revista de ensino de biologia (REnBio), periódico científico vinculado à Associação Brasileira de ensino de biologia (SBEnBio), direcionado à divulgação de pesquisas na área de ensino de ciências e biologia. A escolha dessa revista como fonte de dados considerou sua relevância para o campo de ensino de biologia, bem como sua classificação no sistema Qualis/Capes. No quadriênio 2017–2020, o periódico recebeu classificação A1 nas áreas de Ensino e Educação, sendo reconhecido como espaço relevante de circulação de pesquisas acadêmicas na área.

A busca pelos artigos foi realizada diretamente no sítio eletrônico da revista (https://renbio.org.br), utilizando como termo de pesquisa a expressão “educação sexual”. Inicialmente, foram identificados 12 artigos publicados entre os anos de 2020 e 2024. A leitura exploratória das edições anteriores da revista permitiu localizar outros oito artigos que também abordavam a temática da educação sexual, publicados entre 2018 e 2019. Dessa forma, o corpus da pesquisa foi constituído por 20 artigos publicados no período de 2018 a 2024.

Após a definição do conjunto de artigos, realizou-se a análise temática de conteúdo, baseada na leitura sistemática dos documentos com o objetivo de identificar elementos recorrentes, conceitos centrais e relações entre os temas abordados nas produções analisadas.

O processo de análise ocorreu em três etapas principais. A primeira etapa consistiu na leitura integral dos artigos selecionados, buscando identificar temas, conceitos e enfoques relacionados à educação sexual presentes nos textos. Na segunda etapa foram definidas unidades de contexto, compreendidas como trechos ou segmentos textuais que expressavam ideias relevantes para a compreensão da temática investigada. Na terceira etapa realizou-se o processo de codificação e agrupamento dessas unidades, permitindo a construção de categorias temáticas que representassem as principais abordagens identificadas nos artigos analisados.

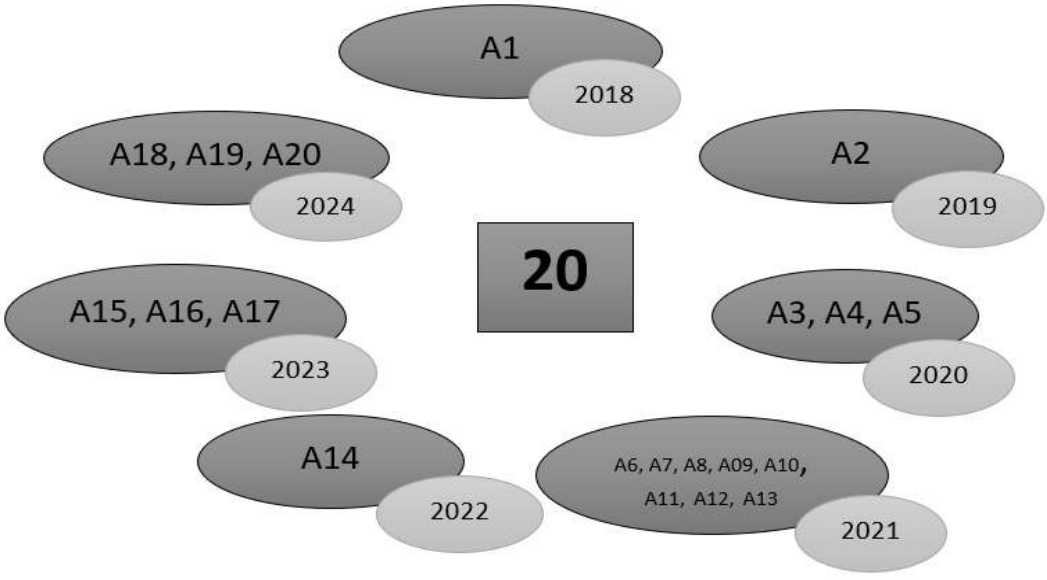
A partir desse procedimento foram organizadas cinco categorias analíticas: social, psicológica, biopsicossocial, biológica e enfoque do tema em diferentes contextos escolares. Essas categorias permitiram sistematizar as principais perspectivas presentes nas produções analisadas e identificar tendências na abordagem da educação sexual no campo do ensino de biologia.

Cabe ressaltar que o recorte adotado neste estudo apresenta limites, uma vez que a análise foi realizada a partir de artigos publicados em um único periódico científico. Apesar dessa delimitação, a escolha da revista permitiu examinar produções relevantes para o campo do ensino de biologia e identificar diferentes perspectivas teóricas e pedagógicas relacionadas à educação sexual.

## Análise de dados

A análise dos artigos selecionados inicia-se pela Figura 1, que apresenta a distribuição das publicações encontradas na Revista de ensino de biologia (REnBio) ao longo dos anos. A figura permite visualizar os artigos identificados neste recorte de pesquisa sobre educação sexual, apresentando a quantidade de publicações em cada período e oferecendo um panorama geral da produção analisada.

FIGURA 1**:** Representação do número de publicações de artigos nos anos de 2018 à 2024.




Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Figura 1 indica que foram identificados 20 artigos publicados na revista de ensino de biologia (REnBio) entre os anos de 2018 e 2024 que abordam a temática da educação sexual. Observa-se que, nos anos de 2018, 2019 e 2022, ocorreu o menor número de publicações, com apenas um artigo identificado em cada um desses períodos.

Em contraste, o ano de 2021 apresentou maior concentração de publicações sobre o tema. Parte desses estudos envolveu pesquisas com professores da área de ciências e biologia, buscando compreender suas concepções sobre educação sexual no contexto escolar. Esses trabalhos evidenciam a relevância do papel docente na abordagem de temas relacionados a gênero, identidade e sexualidade no ambiente escolar.

Esse panorama também permite observar tendências nas abordagens presentes nos artigos analisados. Parte dessas pesquisas indica que a educação sexual ainda aparece nas escolas de forma limitada, frequentemente associada apenas aos conteúdos biológicos relacionados à reprodução humana. Silva (1998) aponta que, em muitos contextos escolares, as informações sobre sexualidade são abordadas de maneira restrita, por vezes vinculadas a intervenções de profissionais da saúde ou ao uso de livros didáticos que apresentam o corpo humano de forma fragmentada.

Essa perspectiva também foi identificada em alguns dos artigos analisados neste estudo, especialmente nos trabalhos A14, A15, A16 e A19. Nesses estudos, observa-se que o ensino do corpo humano ainda tende a enfatizar aspectos anatômicos e fisiológicos, tratando as partes do corpo de forma isolada. Ao mesmo tempo, esses artigos indicam a necessidade de ampliar essa abordagem, defendendo práticas pedagógicas mais inclusivas que considerem a diversidade de corpos, identidades e experiências relacionadas à sexualidade.

A análise dos artigos identificados no período de 2018 a 2024 indica um número ainda reduzido de publicações sobre educação sexual na Revista de ensino de biologia. Esse cenário reforça a necessidade de ampliar investigações sobre a temática no campo do ensino de ciências e biologia. Monteiro e Silva (2021) destacam a importância de desenvolver pesquisas nessa área e de analisar os enfoques históricos da educação sexual, pois esse movimento contribui para identificar tendências futuras e para promover mudanças em contextos que ainda apresentam resistências à discussão da sexualidade humana no espaço escolar.

Essa investigação possibilitou ter um olhar ampliado sobre as pesquisas empíricas voltadas à compreensão de fenômenos relacionados à educação sexual, tanto no currículo escolar quanto em espaços educativos formais e não formais. No conjunto de artigos analisados na Revista de ensino de biologia (REnBio), observa-se que, dos 20 trabalhos identificados, 12 foram desenvolvidos por estudantes de nível superior vinculados a diferentes áreas de formação, como educação em ciências, ciências biológicas, ciências

naturais, didática em ciências, educação científica e tecnológica, educação em ciências e saúde, biologia ambiental e educação em ciências e matemática.

Os artigos analisados, em sua maioria, utilizaram entrevistas semiestruturadas como estratégia metodológica para investigar professores e estudantes de diferentes níveis de ensino. Entre os artigos analisados, alguns concentraram suas investigações em sujeitos do ensino superior (A8, A9, A12, A13 e A20), enquanto outros se detiveram em participantes da educação básica (A2, A7, A14, A16 e A18). Essas pesquisas buscaram compreender se a temática da educação sexual está presente nas práticas pedagógicas e de que maneira os saberes experienciais de docentes e discentes se articulam aos contextos sociais e educacionais.

A partir da tabulação dos dados também foi organizada uma representação geográfica das pesquisas, com o objetivo de identificar os estados brasileiros e as regiões do país onde os estudos foram desenvolvidos. Esse levantamento possibilita observar a distribuição regional das produções científicas e compreender como determinadas áreas concentram maior número de pesquisas sobre educação sexual, conforme apresentado no mapa da Figura 2.

FIGURA 2**:** Representação geográfica do País e publicação de Artigos em diferentes Regiões.




Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

A análise da distribuição geográfica das pesquisas indica que a maior parte dos artigos sobre educação sexual está concentrada na Região Sul do Brasil, com destaque para seis estudos desenvolvidos em universidades federais e estaduais. Em seguida, a

Região Sudeste apresenta cinco produções acadêmicas, vinculadas a duas universidades federais, um centro federal e duas universidades públicas estaduais. A Região Nordeste também registra cinco pesquisas, realizadas em duas universidades federais, duas universidades estaduais e uma universidade regional. Já a Região Centro-Oeste apresenta duas produções, desenvolvidas em um instituto federal e em uma universidade pública. Por fim, a Região Norte registra apenas um estudo, realizado em uma universidade federal.

A baixa presença de pesquisas na Região Norte evidencia a necessidade de ampliação de investimentos em formação acadêmica e em programas de pós-graduação na região. A limitada oferta desses cursos está relacionada ao menor número de doutores atuando nas instituições de ensino superior, o que pode impactar diretamente na formação de novos pesquisadores e no desenvolvimento de pesquisas científicas (Rodrigues, 2014). Situação semelhante também pode ser observada na Região Centro-Oeste, que apresenta número reduzido de produções acadêmicas. Esses aspectos podem estar associados a desigualdades na distribuição de infraestrutura científica e de oportunidades de formação acadêmica entre as regiões do país.

De acordo com Rodrigues (2014), vinculado à CAPES, o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação no Brasil foi criado em 1965, em nível de mestrado, na Universidade Católica do Rio de Janeiro, localizada na Região Sudeste. Na Região Norte, por sua vez, a implantação do primeiro programa na área ocorreu apenas em 1986, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), cerca de duas décadas mais tarde. Essa diferença temporal expõe desigualdades históricas na distribuição da pós-graduação no país.

Esse cenário ajuda a compreender, em parte, a menor presença de produções acadêmicas provenientes da Região Norte no conjunto de artigos analisados. A implantação tardia de programas de pós-graduação, associada ao número reduzido de cursos e de pesquisadores titulados, tende a impactar diretamente o desenvolvimento de pesquisas científicas e a consolidação de grupos de investigação na região.

Nesse contexto, a formação de pesquisadores e a qualificação do corpo docente tornam-se elementos centrais para o fortalecimento da produção científica. Conforme destaca Oliveira (2014):

> Com um baixo número de doutores, a qualificação do corpo docente que atua na graduação é baixa, o que incide diretamente na qualidade da formação daqueles que serão os futuros cientistas, pretensos candidatos aos cursos de pós-graduação e responsáveis pela renovação/produção de conhecimento, bem como pela ocupação de docência e pesquisa (p. 27).

A partir dessa perspectiva, a menor participação da Região Norte na publicação de pesquisas pode ser compreendida em diálogo com os aspectos estruturais que caracterizam a distribuição da pós-graduação no Brasil. A escassez de doutores atuando nas instituições de ensino superior, associada ao número reduzido de programas de pós-graduação, tende a limitar a formação de novos pesquisadores e o desenvolvimento de investigações científicas na região. Esse cenário impacta diretamente a consolidação de grupos de pesquisa e a ampliação da produção acadêmica em diferentes áreas do conhecimento.

Botomé e Kubo (2002) destacam a relevância dos programas de pós-graduação como espaços fundamentais para a formação de novos cientistas e professores de nível superior, ressaltando que esses programas possuem a responsabilidade de fortalecer a produção de conhecimento e o desenvolvimento científico do país. A partir dessa perspectiva, compreende-se que a consolidação da pesquisa acadêmica depende não apenas da existência de programas de pós-graduação, mas também da presença de ambientes institucionais que favoreçam a investigação científica, a reflexão crítica e a continuidade da formação de pesquisadores.

A formação científica passa, portanto, a ser entendida como um processo que ultrapassa a qualificação individual e se relaciona diretamente com a capacidade das instituições de ensino superior de promover a produção e a circulação do conhecimento em diferentes áreas. Dessa forma, torna-se relevante observar como as pesquisas sobre educação sexual têm sido organizadas e abordadas no campo do ensino de biologia, aspecto que pode ser evidenciado por meio da sistematização das categorias temáticas identificadas na análise dos artigos. O Quadro 1 apresenta as categorias temáticas e suas respectivas unidades de contexto identificadas por meio da análise temática de conteúdo.

Quadro 1: Categorias temáticas nos artigos da base de dados

| Categorias | Unidade de contexto | Artigos | Total |
|---|---|---|---|
| Social | Gênero | A1, A2, A3, A4, A5, A6, A10, A11, A12, A15, A16, A17 | 12 |
| | Diversidade sexual | A3, A9, A11, A12 | 4 |
| | Social | A6, A10, A15, A17 | 4 |
| | Epistemologias feministas | A5, A11 | 2 |
| | Preconceito | A6, A12 | 2 |
| | Equidade de gênero | A3 | 1 |
| | Violência sexual | A6 | 1 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | Experiências de pessoas trans | A4 | 1 |
| | Política | A10 | 1 |
| | Discriminação | A13 | 1 |
| | Tabus | A16 | 1 |
| | Desigualdades | A17 | 1 |
| Psicológico | Sexualidade | A1, A2, A3, A4, A5, A7, A8, A9, A10, A12, A13, A15, A17 | 13 |
| | Educação Afetivo-sexual | A9, A12 | 2 |
| Biopsicossocial | Corpo | A5, A10, A11, A15, A16, A18, A19 | 7 |
| | Cultural | A5, A10, A13, A15 | 4 |
| | Biopsicossocial | A9 | 1 |
| | Biologia-sociologia | A14 | 1 |
| Biológico | Saúde | A1, A7, A13 | 3 |
| | IST | A1, A7 | 2 |
| | Métodos contraceptivos | A1 | 1 |
| | Gravidez | A1 | 1 |
| | Discurso biológico | A2 | 1 |
| | Sexo | A5, A11, A17 | 3 |
| Enfoque do tema em diferentes contextos escolares | Educação em Ciências | A1, A11, A17 | 3 |
| | Educação em todos os níveis escolares | A3 | 1 |
| | Educação em biologia | A4 | 1 |

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Foram identificadas cinco categorias temáticas, organizadas em ordem de frequência no Quadro 4, totalizando 75 ocorrências entre os artigos analisados. A distribuição das categorias ocorreu da seguinte forma: social (31), psicológico (15), biopsicossocial (13), biológico (11) e enfoque do tema em diferentes contextos escolares (5). A predominância da categoria social evidencia que grande parte das pesquisas sobre educação sexual tem priorizado discussões relacionadas às dinâmicas sociais que atravessam a construção da sexualidade.

Essa categoria apresenta maior frequência por abranger diferentes problemáticas presentes na sociedade, incluindo debates sobre gênero, diversidade, desigualdades e relações sociais que influenciam as experiências de sexualidade. Conforme argumenta Rios (2006), a sexualidade precisa ser compreendida de maneira contextualizada, considerando que envolve crenças, comportamentos, relações e identidades construídas

social e historicamente. Dessa forma, as definições e os comportamentos sexuais não podem ser interpretados como resultado de uma evolução natural, mas como produções que se constituem no interior das relações sociais.

A categoria psicológica concentra discussões voltadas principalmente aos aspectos afetivos da sexualidade, sendo a temática da sexualidade a mais recorrente entre as unidades de contexto analisadas. Os estudos inseridos nessa categoria procuram compreender o comportamento humano considerando suas dimensões individuais e sociais, evidenciando que a vivência da sexualidade envolve processos subjetivos relacionados às emoções, aos pensamentos, aos desejos e às experiências pessoais. Essa perspectiva relata que a sexualidade ultrapassa explicações estritamente biológicas, pois está diretamente associada à formação da identidade, ao desenvolvimento do autoconceito, da autoestima e das formas de relacionamento estabelecidas entre os indivíduos. A dimensão psicológica da sexualidade assume, portanto, papel relevante na compreensão das experiências humanas, influenciando diretamente o bem-estar e a construção das relações sociais (Alves, 2010).

A categoria biopsicossocial reúne estudos que articulam diferentes dimensões da sexualidade, integrando aspectos biológicos, psicológicos e culturais. Os trabalhos incluídos nessa categoria procuram compreender como valores, normas e práticas sociais influenciam as formas pelas quais a sexualidade é vivenciada em diferentes contextos históricos e culturais. Essa abordagem amplia a compreensão do tema ao considerar que os processos biológicos não atuam isoladamente, sendo constantemente atravessados por fatores sociais, culturais e subjetivos. A presença dessa categoria entre os resultados indica um movimento de ampliação das perspectivas de análise no campo da educação sexual, incorporando discussões que relacionam emoções, percepções culturais e transformações sociais na compreensão da sexualidade (Vieira; Matsukura, 2017).

A categoria biológica também aparece de forma significativa entre os artigos analisados, refletindo uma tradição consolidada no ensino de ciências e biologia, na qual a sexualidade é frequentemente abordada a partir do estudo do corpo humano e de seus processos fisiológicos, como puberdade, reprodução, gravidez e doenças. Essa abordagem é amplamente difundida nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas, nas quais a sexualidade costuma ser tratada principalmente sob a perspectiva da reprodução biológica.

Embora os aspectos morfofisiológicos sejam importantes para a compreensão da sexualidade, eles não são suficientes para explicar a complexidade das experiências

humanas relacionadas a esse tema. Conforme argumenta Rohden (2003), os elementos biológicos não determinam por si só os comportamentos sexuais, a identidade de gênero ou a orientação sexual, pois essas dimensões são construídas também por meio das interações sociais, das normas culturais e dos processos de socialização. A predominância de abordagens biológicas indica, portanto, uma tendência ainda presente no ensino de biologia, que muitas vezes restringe a discussão da sexualidade aos aspectos anatômicos e reprodutivos.

Também foi identificada a categoria relacionada ao enfoque do tema em diferentes contextos escolares, que reúne estudos voltados à análise das formas pelas quais a educação sexual é desenvolvida em distintos níveis de ensino. Esses trabalhos investigam tanto o ensino na educação básica quanto no ensino superior, relatando a escola como espaço importante para a problematização das questões relacionadas à sexualidade. De acordo com Santos e Gagliotto (2017), o ambiente escolar possui potencial para promover discussões formativas e humanizadoras sobre o tema, contribuindo para ampliar a compreensão dos estudantes acerca das múltiplas dimensões que envolvem a sexualidade.

Em relação à categoria temática social, ressalta-se que teve o maior número de Unidades de Contexto, das quais se destaca que gênero, diversidade sexual e social foram as mais frequentes. Conforme os estudos de Colling; Tedeschi (2019), em que o aspecto social da sexualidade, se refere a regras e a maneira em que o sexo biológico é expresso. Para exemplificar a categoria social, destaca-se A3, A6, A15 com os seguintes excertos:

> Ao fato de a escola ser constituída por sujeitos e suas múltiplas identidades. Isso quer dizer que **a escola é atravessada por corpos, gêneros e sexualidades, sendo uma instituição social em que essas identidades vão sendo (re)produzidas, reguladas, fixadas e também subvertidas**; portanto, não é possível excluir essas questões do ambiente escolar (A3, p. 430, grifo nosso).

> Nota-se que a educação sexual permaneceu sendo tratada sob concepções biomédicas e higienistas e o ensino do corpo humano priorizou o enfoque biologizado. Contudo, mudanças passaram a ser registradas, especialmente a partir dos anos 1990, **quando normas e padrões culturais ligados à sexualidade, motivados pelos estudos de gênero e pelo acolhimento às diferenças, passaram a ser introduzidos**. Com o rescimento dos movimentos feminista e LGBTI+ no Brasil, surgem políticas públicas visando compreender a sexualidade de forma integrada, sob perspectivas culturais, sociais, históricas e biológicas (A6, 2021, p. 197, grifo nosso).

> Sendo assim, a conclusão deste raciocínio nos leva ao entendimento fundamental de que a educação sobre os corpos, particularmente **no contexto do ensino de ciências e biologia, deve levar em considerações espaços educativos mais inclusivos, que desafiam os moldes tradicionais**, tornando o ensino mais acessível e promovendo uma compreensão mais ampla e respeitosa da diversidade de corpos e identidades, ajudando estudantes e demais visitantes a desenvolver uma compreensão mais biossocial de seus próprios corpos e dos corpos dos demais (A15, p. 1032, grifo nosso).
> Ao fato de a escola ser constituída por sujeitos e suas múltiplas identidades. **Isso quer dizer que a escola é atravessada por corpos, gêneros e sexualidades, sendo uma instituição social** em que essas identidades vão sendo (re)produzidas, reguladas, fixadas e também subvertidas; portanto, não é possível excluir essas questões do ambiente escolar (A3, p. 430, grifo nosso).

O excerto do A6 evidencia diferentes compreensões sobre a educação sexual no ensino de ciências e biologia. Em um primeiro momento, observa-se a predominância de abordagens que tratam a sexualidade a partir de uma perspectiva estritamente biológica, fundamentada em concepções biomédicas e higienistas. Esse tipo de abordagem apresenta limites para compreender a complexidade da sexualidade humana, pois tende a restringir o debate aos aspectos fisiológicos do corpo, deixando em segundo plano dimensões sociais, culturais e subjetivas presentes na vivência da sexualidade. As análises indicam, entretanto, mudanças nas pesquisas mais recentes, nas quais a temática passa a ser discutida também a partir das questões de gênero, da diversidade sexual e das relações sociais presentes nos contextos educativos.

Essas transformações mostram uma ampliação das discussões sobre educação sexual no campo do ensino de ciências e biologia. As pesquisas analisadas mostram que a abordagem da sexualidade vinculada às dimensões sociais permite problematizar aspectos como preconceito, tabus e desigualdades de gênero, favorecendo reflexões mais críticas no ambiente escolar. A presença dessas discussões nas práticas educativas contribui para a construção de espaços de diálogo que possibilitam questionar estigmas sociais e promover relações mais respeitosas e inclusivas entre os estudantes.

Os estudos também apontam a necessidade de discutir problemáticas sociais relacionadas à sexualidade, entre elas a violência sexual, temática identificada na categoria social. A análise dos artigos relata que situações de abuso muitas vezes ocorrem em contextos próximos à realidade de crianças e adolescentes, inclusive no ambiente familiar. Esse aspecto reforça a importância de abordar a educação sexual no espaço escolar de forma responsável e formativa, possibilitando aos estudantes acesso a

informações que contribuam para reconhecer situações de risco e fortalecer a proteção de seus direitos.

Em relação à categoria temática social, ressalta-se que apresentou o maior número de Unidades de Contexto. Entre os temas mais recorrentes destacam-se gênero, diversidade sexual e questões sociais relacionadas à sexualidade. Conforme indicam Colling e Tedeschi (2019), o aspecto social da sexualidade está relacionado às normas, valores e expectativas culturais que orientam as formas pelas quais o sexo biológico é interpretado e expresso nas relações sociais.

Nessa perspectiva, tais discussões também se aproximam de abordagens vinculadas às epistemologias feministas, que questionam concepções naturalizadas sobre corpo, gênero e sexualidade e apresentam como relações de poder influenciam a produção do conhecimento nessas áreas. Essas perspectivas contribuem para compreender a sexualidade como um fenômeno construído historicamente e atravessado por dimensões sociais, culturais e políticas (Colling; Tedeschi, 2019).

Os excertos dos artigos A3, A6 e A15 indicam que a educação sexual, no contexto do ensino de ciências e biologia, situa-se na interface entre conhecimentos biológicos e questões sociais, culturais e políticas. As análises mostram que o ambiente escolar é atravessado por diferentes identidades, experiências e realidades sociais, exigindo práticas educativas sensíveis à diversidade presente entre os estudantes. A atuação docente assume papel relevante nesse processo, pois o professor pode favorecer a construção de espaços educativos acolhedores, que valorizem a escuta, o diálogo e o desenvolvimento de valores relacionados ao respeito e à convivência social.

Em relação ao aspecto social, Maia e Ribeiro (2011) relatam que a educação sexual deveria dar ênfase ao aspecto social e cultural, considerando os indivíduos em suas particularidades sem perder de vista o coletivo. Para assim, fornecer informações para promover discussões acerca de diferentes temáticas, considerando a sexualidade nas suas várias dimensões, articulando-se a um projeto educativo que exerça uma ação ligada à vida, à saúde e ao bem-estar de cada indivíduo.

A categoria psicológica apresenta duas unidades de contexto: sendo achados treze ocorrências de sexualidade e duas Educação Afetivo-sexual. Segundo Spellmeier (2024), enquanto a educação sexual busca promover informações sobre saúde sexual, relacionamentos e consentimento, a psicologia investiga os aspectos emocionais e comportamentais envolvidos na vivência da sexualidade, incluindo processos relacionados à formação da identidade sexual. Essa dimensão evidencia que emoções e

experiências influenciam diretamente a forma como cada pessoa compreende e vivencia sua sexualidade. Nessa categoria destacam-se os artigos A2 e A5, apresentados nos excertos a seguir.

> Em um contexto em que a sexualidade é percebida como um dispositivo **fixo–permeado por discursos que visam produzir/estabelecer/normatizar o que é permitido ou não, em relação aos corpos e aos prazeres daqueles/as que não apresentam as características sexuais** e afetivas esperadas socialmente, acabam sofrendo discriminações na sociedade (A2, p. 169, grifo nosso).
>
> Reafirmamos os**silenciamentos ensurdecedores** que nos provocaram **incômodos por vivenciarmos experiências outras que (re)existem ao corpo, ao gênero e sexualidade assumida por uma Biologia que se presta ao silêncio das multiplicidades no espaço escolar** (A5, p. 146, grifo nosso).

Estes excertos constituem uma demonstração de que a sexualidade humana envolve múltiplas dimensões que ultrapassam explicações estritamente biológicas. A dimensão psicológica demonstra que atitudes, sentimentos e percepções são construídos ao longo das experiências individuais e das interações sociais, influenciando a forma como cada pessoa compreende seu próprio corpo, seus desejos e suas relações com os outros. Nesse processo, emoções, memórias, expectativas e vivências pessoais passam a desempenhar papel importante na constituição da identidade e na maneira como a sexualidade é percebida e expressa.

Observam-se também diferentes perspectivas teóricas nas pesquisas analisadas. Parte dos estudos compreende a educação sexual como estratégia de promoção da saúde e prevenção de comportamentos de risco entre adolescentes, enfatizando a formação de atitudes responsáveis em relação à sexualidade (Alves, 2010). Em contraste, outras pesquisas criticam abordagens restritas à dimensão biológica ou preventiva, defendendo perspectivas que considerem as dimensões sociais, culturais e políticas que atravessam os corpos, os gêneros e as sexualidades no contexto escolar (Santos; Oliveira, 2020). Essas interpretações evidenciam tensões no campo da educação sexual e diferentes formas de compreender sua abordagem no ensino de ciências e biologia.

A análise dos excertos aponta a importância de ampliar o debate sobre sexualidade no ambiente escolar, para que os estudantes possam refletir sobre suas experiências, sentimentos e percepções sem a imposição de modelos únicos ou normativos. A abordagem da sexualidade sob essa perspectiva contribui para práticas educativas mais

sensíveis às diferenças, favorecendo espaços de diálogo, escuta e respeito às múltiplas formas de vivenciar a sexualidade.

Desse modo, observa-se em um excerto do A9, uma prática observada para formar professores que desmistifiquem esses preconceitos:

> Este estudo também possibilitou reconhecer o interesse dos professores pela formação em educação sexual, **compreendendo a relevância de avaliar seu componente afetivo nas práticas de formação, como vincular afetos, sentimentos e emoções ao desenvolvimento da sexualidade humana.** Isso é relevante, pois fica evidenciada a necessidade da Educação Afetivo-Sexual que, além de cumprir as diretrizes ministeriais na Colômbia, promove a formação crítica e contextualizada dos cidadãos (A9, p. 70, grifo nosso).

Observa-se a importância de abordagens formativas que reconheçam o papel da dimensão afetiva na educação sexual. A implementação de estratégias adequadas na formação de futuros professores pode contribuir para qualificar o ensino sobre sexualidade direcionado a crianças, adolescentes e jovens no contexto escolar.

A formação docente assume papel relevante para que os educadores desenvolvam maior segurança ao tratar dessas temáticas em sala de aula. A experiência coletiva e o diálogo também contribuem para a construção do contexto afetivo-sexual dos estudantes, permitindo que dúvidas, sentimentos e percepções sobre a sexualidade sejam discutidos de maneira mais aberta e reflexiva.

Frota *et al.* (2015) destacam que a escola constitui um espaço favorável para abordar a educação sexual, pois integra o cotidiano dos adolescentes. Nesse ambiente, os estudantes podem encontrar um espaço seguro para expressar questionamentos, sentimentos e inquietações, favorecendo reflexões sobre respeito, responsabilidade, afetividade e convivência nas relações humanas.

Na categoria Biopsicossocial identifica-se o entendimento sobre as aulas de ciências, que deve ir além de conteúdos biológicos, sendo um modelo que abrange aspectos sociais, emocionais e culturais da sexualidade, permitindo um ensino conectado à realidade dos estudantes. Conforme Silva (2011) a sexualidade não é universal, não é algo inerente ao ser humano, não é uma essência do sujeito que se manifesta em determinado momento da vida. Portanto, não é biologicamente determinada, mas sim algo construído conforme vivências, e envolve aspectos psicológicos, emocionais e comportamentais.

Essa categoria apresentou os enfoques relacionados a corpo e a cultura, sendo os mais citados. Para exemplificar essa categoria, destaca-se A6 com o seguinte excerto:

> Visto que, ao questionar a definição de sexualidade e ao indagar sobre questões como a diversidade sexual, uma boa porcentagem do corpo docente em formação limita-se ao conteúdo biológico. Então, sob essa ótica do processo educativo, não importaria a formação afetiva e cultural do aluno, pois, nas palavras de muitos dos professores, **a ciência deve responder a questões relacionadas à genética, à reprodução humana e à recepção de estímulos, afastando-se de questões como comportamento, identidade de gênero e reconhecimento afetivo-sexual daqueles que não são determinados por diretrizes heteronormativas** (P6, 2021, p. 69, grifo nosso).

O excerto A6 propõe uma reflexão crítica sobre a abordagem adotada por muitos professores ao tratar da educação sexual. Onde frequentemente, professores se prendem ao conteúdo biológico para ensinar para os alunos. Entretanto, esquecem ou se sentem despreparados para abordar que a sexualidade vai além dos ensinamentos de anatomia e reprodução, mas também envolve aspectos biopsicossocial, com aspectos sociais, emocionais e culturais da sexualidade. Afirmam que na sexualidade como fenômeno cultural, o comportamento sexual não está relacionado apenas ao aspecto biológico (sexo), mas também é interpretado a partir da construção social, das redes neurais que determinam as expressões mentais (sentimentos), respostas a estímulos internos e externos (emoções) e as valências desse sentimento (afetos).

Os aspectos biopsicossociais da sexualidade relacionam-se a compreensões mais amplas sobre o tema, que ultrapassam explicações exclusivamente biológicas. As experiências culturais, familiares e sociais influenciam os conhecimentos que os estudantes já possuem sobre sexualidade. Por essa razão, o ensino de biologia precisa considerar essas diferentes vivências, ampliando o debate para dimensões emocionais, afetivas, culturais e sociais que também compõem a sexualidade humana (Vieira; Matsukura, 2017).

A abordagem da educação sexual a partir de um modelo biopsicossocial exige práticas educativas mais abertas ao diálogo e à troca de conhecimentos. A escuta das experiências dos adolescentes torna-se fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem favoreça reflexões críticas sobre o tema. Valadares e Nogueira (2025) ressaltam que a possibilidade de os estudantes expressarem suas vivências contribui para

uma compreensão mais consciente das questões relacionadas à sexualidade, ampliando a participação dos jovens na construção do conhecimento sobre o tema.

A categoria biológica também esteve presente nos artigos analisados, sendo que conforme Cruz (2021) a dimensão biológica está relacionada com a formação biológica do indivíduo (fisiologia, morfologia, sistemas funcionais), ele diz respeito às características biológicas que a pessoa tem ao nascer, incluindo cromossomos, genitália, composição hormonal, entre outros. Temas relacionados com esses aspectos estão presente nos enfoques da categoria biológica, sendo saúde e IST as mais citadas, com o seguinte excerto:

> As IST são um grave problema de saúde pública que exige desde iniciativas de ampliação do acesso à saúde até campanhas dedicadas à saúde sexual e reprodutiva. Por sinal, a juventude necessita de **informações claras a esse respeito, pois atualmente quase a metade dos casos dessas infecções atinge essa população cujo domínio sobre essa temática, em geral, ainda é insuficiente** (A7, 2021, p. 115).

O excerto do artigo A7 indica que questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva ainda representam desafios significativos para a juventude. Entre esses desafios destacam-se temas como infecções sexualmente transmissíveis, HIV e gravidez na adolescência, problemáticas que impactam diretamente a vida escolar e social dos jovens. Essas questões indicam a necessidade de ampliar o acesso a informações claras e confiáveis sobre sexualidade no ambiente escolar.

A análise da categoria biológica demonstra que, nos artigos investigados, essa dimensão concentra-se principalmente nos aspectos fisiológicos e reprodutivos da sexualidade. Entretanto, ao observar o quadro de categorias, identifica-se apenas uma unidade de contexto relacionada a métodos contraceptivos e gravidez, ambas presentes no artigo A1. Esse dado revela que, embora a abordagem biológica seja recorrente no ensino de ciências e biologia, determinados temas ainda aparecem de forma limitada nas produções analisadas.

A presença desses conteúdos no ensino de ciências torna-se fundamental, especialmente no que se refere ao conhecimento do próprio corpo, aos métodos contraceptivos, às infecções sexualmente transmissíveis e à gravidez na adolescência. Muitos jovens ainda encontram dificuldades para discutir essas questões no ambiente familiar, o que pode levar à busca por informações incompletas ou equivocadas. Nesse cenário, a escola assume papel relevante na oferta de informações seguras e na promoção de reflexões responsáveis sobre sexualidade (Fraguas *et al.*, 2021).

Além da transmissão de conhecimentos biológicos, o ensino de biologia também deve favorecer uma compreensão mais ampla do corpo humano e de suas relações com os contextos sociais e ambientais. Trivelato (2005) destaca que a abordagem educativa precisa possibilitar aos estudantes a construção de uma visão integrada do ser humano, contribuindo para que desenvolvam posicionamentos críticos e responsáveis diante das decisões relacionadas à sua própria vida e à convivência em sociedade.

A análise dos artigos evidenciou o papel da escola na abordagem da educação sexual, temática que aparece na categoria relacionada aos diferentes contextos escolares. Nessa categoria, o enfoque da educação em ciências foi o mais recorrente, indicando a importância desse campo na problematização das concepções de sexo, gênero e sexualidade no ambiente educativo. Conforme apresentado a seguir no excerto do artigo A17:

> Traçamos **propostas iniciais para que a educação em ciências e biologia participe ativamente da transformação das concepções de sexo/gênero e sexualidades presentes em nossa sociedade. Tais propostas dependem de mudanças urgentes na forma como a ciência de referência é construída e divulgada,** ou seja, alterações no nível da graduação e pós-graduação nas áreas correlatas à biologia. Dependem também de mudanças na formação inicial e continuada de docentes, sejam de ciências e biologia, devido à conexão direta dos conceitos, sejam de outras disciplinas, que também estão imersos na estrutura cis-hétero-masculina e que vão se deparar com situações relacionadas a sexo/gênero e sexualidade durante suas aulas (A17, 2023, p. 1293, grifo nosso).

O excerto do artigo A17 indica a relevância da formação inicial e continuada de professores para a abordagem da educação sexual. Observa-se que as práticas pedagógicas ainda são fortemente influenciadas por concepções cisnormativas, heteronormativas e masculinas, o que tende a invisibilizar outras experiências e identidades. Esse cenário contribui para a permanência de dificuldades no debate de temas considerados tabus, como a homossexualidade e as diferenças de gênero no ambiente escolar.

Lopes e Oliveira (2014) destacam que os conhecimentos construídos pelos professores sobre o tema influenciam diretamente a maneira como a educação sexual é trabalhada no cotidiano escolar. Quando essa temática não é abordada de forma consistente durante a formação inicial, tende a prevalecer uma abordagem baseada no senso comum, o que limita o desenvolvimento de discussões mais críticas e fundamentadas.

A unidade de contexto mais recorrente nessa categoria refere-se à educação em ciências, área frequentemente associada à responsabilidade de abordar temas relacionados à sexualidade no ambiente escolar. No entanto, a educação sexual constitui uma temática transversal do currículo, não sendo exclusiva do ensino de ciências ou biologia. A abordagem dessas questões exige a participação de diferentes áreas do conhecimento, considerando que os temas relacionados a corpo, gênero e sexualidade ultrapassam explicações restritas à anatomia ou à fisiologia.

Nos artigos analisados, apenas um estudo destaca explicitamente a necessidade de tratar a educação sexual em todos os níveis escolares. Esse dado indica que a temática ainda aparece de forma limitada tanto na educação básica quanto no ensino superior.

A importância da abordagem da educação sexual na escola torna-se evidente, considerando que a instituição escolar constitui um espaço social de formação e orientação dos estudantes. Para que essa temática seja trabalhada de maneira adequada, é necessário que os professores possuam conhecimentos que lhes permitam conduzir reflexões e orientar os alunos sobre diferentes aspectos relacionados à sexualidade.

Moura e Leite (2019) ressaltam a importância de debater o tema da sexualidade em diversos ambientes, principalmente na educação escolar, que é um espaço de inserção social e formação cidadã. Ensinar em uma única série e com base apenas em um conteúdo específico de um livro didático, como preconizam certas abordagens, pode não favorecer a complexidade sobre esta discussão.

De acordo com Coelho e Campos (2015), os professores de Ciências/Biologia são, muitas vezes, os profissionais frequentemente reconhecidos como mais aptos a abordar temas relacionados à sexualidade com os estudantes. Esse reconhecimento decorre do fato de que conteúdos relacionados ao corpo humano e à reprodução são, em geral, ensinados nestas duas disciplinas do Ensino Básico. No entanto, a sexualidade abrange dimensões sociais, culturais e afetivas que ultrapassam explicações estritamente biológicas.

A análise dos artigos indica que o ensino sobre este tema ainda ocorre de forma limitada no contexto escolar, o que sinaliza a necessidade de ampliar a formação docente e de integrar a temática da sexualidade de maneira mais consistente no currículo. Uma alternativa é ensinar sobre sexualidade em diferentes áreas do conhecimento a fim de contribuir para práticas educativas mais sensíveis às diversidades e às múltiplas experiências relacionadas à sexualidade.

A presença ainda restrita da educação sexual nas práticas pedagógicas revela que o tema continua enfrentando resistências e limitações no contexto escolar. Embora os estudos analisados indicam avanços na ampliação das abordagens sobre sexualidade, ainda predominam perspectivas que concentram o ensino em aspectos biológicos ou em momentos pontuais do currículo. A ampliação dessas abordagens exige reconhecer a sexualidade como parte das experiências humanas e das relações sociais presentes no cotidiano escolar.

Quando se ensina de modo contínuo e integrado às diferentes áreas do conhecimento, a educação sexual pode contribuir para a construção de ambientes educativos mais acolhedores, nos quais estudantes tenham espaço para compreender suas vivências, refletir sobre diferenças e desenvolver atitudes baseadas no respeito e na convivência com a diversidade.

## Considerações Finais

A análise dos artigos publicados na Revista de ensino de biologia entre os anos de 2018 e 2024 evidenciou que a temática da educação sexual tem sido abordada a partir de diferentes perspectivas, ultrapassando abordagens restritas aos aspectos biológicos da sexualidade. As produções analisadas indicam a presença de discussões que incorporam dimensões sociais, culturais, psicológicas e afetivas, sinalizando um movimento de ampliação das abordagens sobre o tema no campo do ensino de ciências e biologia.

Os estudos analisados também revelam que a educação sexual permanece como um desafio no contexto escolar. A presença limitada da temática em determinadas práticas pedagógicas demonstra que, em muitos casos, o ensino ainda se concentra em conteúdos relacionados ao corpo humano e à reprodução. Essa perspectiva tende a restringir a compreensão da sexualidade, deixando em segundo plano aspectos sociais, culturais e subjetivos que também compõem essa experiência humana.

Outro aspecto identificado refere-se à formação docente para trabalhar a temática no ambiente escolar. A ausência ou a abordagem insuficiente da educação sexual nos processos formativos pode gerar insegurança entre professores ao tratar dessas questões em sala de aula. A ampliação de espaços formativos voltados à reflexão sobre corpo, gênero e sexualidade torna-se relevante para fortalecer práticas pedagógicas mais sensíveis às diferentes realidades presentes no cotidiano escolar.

A análise também indicou desigualdades na distribuição regional das produções acadêmicas sobre educação sexual. Observou-se maior concentração de estudos em determinadas regiões do país, enquanto outras apresentaram número reduzido de pesquisas publicadas. Essa diferença evidencia a necessidade de ampliar a produção científica sobre o tema em diferentes contextos regionais, favorecendo a diversidade de perspectivas e experiências relacionadas à educação sexual no campo educacional.

A presença de diferentes categorias temáticas nos artigos analisados demonstra que a sexualidade é atravessada por múltiplas dimensões presentes nas relações sociais e educativas. A ampliação dessas abordagens no ensino de ciências e biologia pode contribuir para práticas educativas mais inclusivas, capazes de considerar as diferentes experiências, identidades e vivências dos estudantes.

Diante desses aspectos, reforça-se a relevância de ampliar estudos e práticas pedagógicas voltadas à educação sexual no contexto escolar. A incorporação dessa temática de forma mais consistente nos currículos e nos processos de formação docente pode favorecer a construção de ambientes educativos mais abertos ao diálogo, ao respeito às diferenças e à valorização da diversidade.

Revista Diversidade e Educação

## Referências

ALVES, Cristina Azevedo. O impacto de um programa de educação sexual nos comportamentos protectores dos adolescentes. 2010. Dissertação (mestrado em bioética) – **Faculdade de Medicina da Universidade do Porto**, 2010.

BARBOSA, Luciana Uchôa; FOLMER, Vanderlei. Facilidade e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. *Revista de Educação da* **Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina**, v. 9, n. 19, p. 221-243, 2019.

BOTOMÉ, Sílvio Paulo; KUBO, Olga Mitsue. Responsabilidade social dos programas de pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior. **Interação em Psicologia,** Curitiba, v. 6, n. 1, p. 81-110, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Novo boletim epidemiológico aponta casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. [Brasília]: Ministério da Saúde, [18/05/2023].

CAETANO, Samuel Magalhães; COELHO, Renato Abreu. Uma abordagem sobre a importância da educação sexual no contexto escolar: O estado do conhecimento. **RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, Humaitá, AM, v. 9, n. 1, p. 444-463, 2025.

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciências & Educação, Bauru**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. Dicionário crítico de gênero. Dourados: Ed. **Universidade Federal da Grande Dourados**, 2019.

COSTA, Paula Narranjo da; SOUZA, José Camilo Ramos de. Sexualidade, gênero e ensino de ciências: buscando novos sentidos. In: III Congresso Nacional de Educação (CONEDU). 2016.

CRUZ, Sheila Silva Barreto. **Fatores biológicos relacionados à orientação sexual: uma revisão sistemática de literatura.** 2021. Monografia (Grau de Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Barreiras-BA, 2021.

FRAGUAS, Talita; MARQUES, Ronaldo; GONZALEZ, Carlos Eduardo Fortes; XAVIER, Claudia Regina. A temática da gravidez na adolescência numa feira de ciências:Contracepções, responsabilidades e impactos ambientais causados por uma criança. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento,** São Paulo, v. 10, n. 4, p. 1-11, 2021.

FROTA, Rithianne; SILVA, Nalysse; ALVES, Thais; ALBUQUERQUE, Danielle; BRITO, Diego; OLIVEIRA, Leonice. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar- **Revista de Políticas Públicas**. Sobral, v. 14, n. 1, p.104-108, 2015.

MAIA, Ana Cláudia Cortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa,** São Paulo, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; SILVA, Claudionor Renato da. A produção em periódicos (de 2014 a 2020) sobre a história da educação sexual no Brasil: perspectivas e tendências. **Humanidades & Inovação,** Palmas-Tocantins, v. 7, n. 27, p. 21-31, 2021.

MOURA, Francisco Nunes de Sousa; LEITE, Raquel Crosara Maia. O conservadorismo e a formação cidadã: a abordagem da sexualidade no ensino fundamental diante do discurso em documentos oficiais. **Educação, Ciência e Cultura,** Canoas, v. 24, n. 3, p. 61-77, 2019.

OBANDO, Juliane Mesquita. **Educação sexual**: o papel da escola na prevenção da violência sexual contra as mulheres. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, **Centro Universitário de Brasília**, Brasília, 2021.

OLIVEIRA, Maria Fernanda Celli de; MUZZETI, Luci Regina. Sexualidade infantil: a relação entre Educação Sexual e a identidade de gênero. **Revista on line de Política e Gestão Educacional,** Araraquara, v. 24, n. esp. 3, p. 1825-1840, 2020.

OLIVEIRA, Ronaldo Monteiro de; PAULA, Roberto Adonias de; COELHO, Euricléia Gomes. Educação Sexual e o Ensino de Ciências: o estado do conhecimento. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, Alagoas, v. 9, p. 504-518, 2024.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. **Cortez Editora**, 2014.

RIOS, Roger Raupp. Para um direito democrático da sexualidade. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26. p. 71-100, 2006.

RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira. Pós-graduação na Amazônia: o desafio de formar (em) redes. **Revista Brasileira de pós-graduação**, v. 11, n. 23, 2014.

ROHDEN, Fabíola. A construção da diferença sexual na medicina. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 201-S212, 2003.

SANTOS, Joice Cordeiro Dos; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. Sexualidade desviante de maria: um caso de perversão feminina. Anais V ENLAÇANDO. Campina Grande: **Realize Editora**, 2017.

SANTOS, Júlio César de Oliveira; OLIVEIRA, Anna Luiza Martins de. Gênero, sexualidade e ensino de biologia: o que pode um corpo estranho nos currículos de biologia? **Revista Educação e Linguagens,** Campo Mourão, v. 9, n. 17, p. 180-200, 2020.

SILVA, Edna Aparecida. A escola, a clínica e a sexualidade humana. **Perspectiva,** Santa Catarina, v. 16, n. 30, p. 115–142, 1998.

SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria Billing (Orgs.). Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-racionais na educação. Uruguaiana: Unipampa, 2011.

SPELLMEIER, Raphaela. Abordagem em sexualidade na formação pedagógica. **Unificando Saberes**, Osasco-SP, v. 2, n. 1, p. 02–13, 2024.

STROCHAIN, Gabriele; EMMEL, Rubia. Gênero e Violência Sexual nas pesquisas Brasileiras indexadas na base de dados Scielo. **Revista Conexão Com Consciência,** Crateús, v. 1, n. 3, p. 327-336, 2021.

TRIVELATO, Sílvia Luzia Frateschi. Que corpo/ser humano habita nossas escolas. in: MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra; AMORIN, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Biologia:** conhecimentos e valores em disputa. Niterói: EDUFF, 2005. p. 121-130.

VALADARES, Franciele Freitas; NOGUEIRA, Anamaria Batista. Educação sexual com adolescentes em escola pública: contribuições da psicanálise ao modelo biopsicossocial. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 34, n. 1, 218-242, 2025.

VIEIRA, Milene Cabral; EMMEL, Rubia. Mapeando o panorama da Educação Sexual no Brasil: uma Análise das Pesquisas Indexadas no SciELO. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas,** Londrina, v. 25, n. 2, p. 327–336, 2024.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede

pública. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2017.

Recebido em outubro de 2025.
Aprovado em julho de 2026.

Revista Diversidade e Educação